

*Ho me prout cur.º 1000*

*Jos Tevnia*

*off. om. toj*

OS REPROBOS

PQ  
9261  
P548R46  
1870  
c.1  
ROBARTS

*2 1/2*

OS

REPROBOS

POR

ADRIANO ANTHERO DE SOUSA PINTO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE



LIBRARY

OCT 05 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

## Ao meu amigo Luiz Carlos Simões Ferreira

Ha muito já que os prologos foram banidos das chancellarias litterarias. O nosso seculo, eminentemente substancioso e progressivo, corta cada vez mais as excrescencias, de qualquer genero que sejam; tendo unicamente por mira a verdade simples como o absoluto que a substancia, concisa como expressão synthetica que é de tudo o que ha grande, eterno e sublime.

Nos tempos em que se adorava por excellencia a belleza plastica, em que o espirito gemia atrophiado sob o predominio da materia, os prologos tiveram, e deviam ter, um culto universal; havia nelles como a roupagem do pensamento total que predominava no livro; eram como a estatua profana levantada nas portas d'um templo. A exuberancia de formas, a superfluidade de ornatos nunca era de mais nesses tempos, em que o espirito geralmente não podia ir direito ao sol: precisava tactear primeiro a atmo-

sphera, para depois se não perder nos nevoeiros que surgissem.

Assim vemos nos primeiros tempos da Grecia a figura do prologo obrigada nas peças dramaticas. Depois, á proporção que os gregos foram caminhando e progredindo, a arte dramatica foi-se emancipando tambem d'esse jugo pesado e inutil. Aristophanes, esse vulto grandioso, que apenas desmerece para nós em ter sido causa indirecta da morte de Soerates, foi o primeiro a dar rebate para a nova era. Plauto, servindo-se dos prologos sómente para obter a attenção dos espectadores, e Terencio, terminando nelles com a parte narrativa, mostram que a humanidade a cada nova transformação ia tambem cortando nessas excrescencias litterarias.

Nos tempos de Luiz XIV, a pesar de quasi acabarem os prologos, o sensualismo dos costumes devia prejudicar necessariamente o devido espiritalismo

da litteratura; e é talvez por isso que Molière em algumas partes nos dá exemplo dos prologos antigos.

Shakspeare retirou os prologos da scena.

Finalmente o prologo dramatico, que tentou ainda reviver aos esforços de A. Dumas, morreu completamente ao sol radiante da moderna geração.

Os prologos dos mysterios, tão usados em França no seculo xv, os prologos das operas, tão frequentes no tempo de Luiz xiv, e que eram, segundo Denne-Baron «um altar á parte e obrigado, onde o poeta queimava o incenso ao grande rei, que este deos de Versailles vinha respirar todos os dias com voluptuoso orgulho», mostram ainda nas suas transformações o principio da simplificação, que preside a todos os elementos da desenvolução social.

A mesma revolução e a mesma tendencia se mostram tambem em outros factos semelhantes.

Os preambulos das leis, dos quaes já dizia Seneca «que nada parecia mais frio e inepto do que uma lei carregada d'um prologo», batidos de interdicção em França pelo decreto de 11 de agosto de 1792, têm sido geralmente supprimidos em todas as legislações.

No genero oratorio, aos exordios modelados de Cicero e ás velhas pragmaticas de Quintiliano, succederam os arrojados e infrenes de Castelar e de José Estevão.

Na poesia, ás obrigatorias invocações dos antigos poemas, que fizeram ver a Marmontel um specimen dos prologos dramaticos em Lucrecio e Milton, succedeu um espaço livre de todos os lados, sem área nem limites, como a ave que plana sobre as montanhas, tendo apenas por obstaculo a terra e o céo.

Hoje effectivamente mudaram-se as circumstancias. O character moral, que no meu entender mais distingue a actual humanidade, é esta aspiração de

gigante com que ella se afoita no caminho do progresso. Como o Prometheu da fabula, não ha barreiras que a conttenham; ergue-se incessante como a vaga, referve de continuo como a espuma, e arroja de todos os lados, como a cratera, a lava ardentissima da sua aspiração infinita. Nesta immensa vertigem, na febre d'esta batalha permanente, calca aos pés as superfluidades; nem sequer olha a areia que boia á superficie do oceano; e prende-se com olhos de aguia ao promontorio que tenta dominal-a.

Que significa pois actualmente um prologo? Ou o auctor confia pouco em si, ou na intelligencia dos leitores: em qualquer dos casos o prologo é para a litteratura, na analyse imparcial do livro recommendado por elle, uma exerescencia ou um insulto.

Na moderna civilisação existe, é verdade, uma cruzada. Cada nome que apparece á superficie é mais um combatente que vem alistar-se nas fileiras do



progresso; cada livro é mais uma arma com que se ha de derrubar o espectro da escuridade. Ha cinco mil annos que a humanidade busca incessantemente a terra sancta da perfectibilidade, e ha tambem cinco seculos que ella, depois de ter dormido largo somno, acordou finalmente no impulso irrequieto d'essa conquista sacrosancta.

Pois bem! Neste fogo indomavel, nesta cruzada constante apresente-se cada peregrino, não carregado como os antigos athletas, mas inoffensivo como os apostolos da verdade. Não ha sangue na lucta, nem se estreitam os corpos— medem-se apenas os espiritos; e para isso é mister que cada um se apresente livre e desembaraçado. São apenas no campo a luz e as trevas, a verdade e a ignorancia; e aquella não precisa de recommendações que a auctorisem, nem de rhapsodias que a estimulem.

Acontece porém na ordem litteraria o mesmo que

na ordem natural. Cada esphera que gyra no espaço tem a sua orbita regular, e de tempos a tempos os cometas, levados na necessidade que os fórça, transviãem-se como em delirio nas cumiadas do espaço.

Ao mar marcou Deos no primeiro dia da criação a praia como balisa, e é certo que varias vezes a infrene convulsão de seu seio o tem revoltado contra a lei que lhe preside.

O vulcão que se queima, como a inveja, no fogo da sua ira, tem como leito de Procusto a cratera onde referve; e de períodos a períodos galga as serranias que o escondem, transpõe os diques que o reprezam, e vai escumante de effervescencia, sem lei e sem norte, nas praias do seu leito.

Para mim o mesmo caso. Era preciso de algum modo justificar o titulo do meu poema, titulo com que me acostumei desde as primeiras linhas; com

Chamava-se Margarida,  
como que estrella perdida  
neste mar lodoso, incerto,  
aquelle astro descoberto  
nos cantos do trovador.

Era um archanjo, d'esplendente auréola  
nas tranças soltas da doirada coma;  
d'incenso a nuvem, das mil flores no aroma;  
por hymno, a festa que do val rompeu!  
Era um archanjo, suspirando tremula  
no seio uns hymnos como d'harpa eolia;  
e rescendente de subtil magnolia  
em cada sonho que a elevava ao céu!

Era um archanjo, e retratar-se candida  
do mundo em roda que a festeja; e canta  
nos doces hymnos d'alegria sancta  
das mil cadencias que este mundo tem!  
Era um archanjo, illuminando os paramos  
da triste vida com sua luz divina!  
Era um archanjo, transformada a sina,  
perdida a patria d'este mundo alem!

Era um archanjo, divinaes volvendo-se  
os meigos olhos d'um azul celeste;  
e á flor dos labios, como a flor agreste,  
perfume virgem de sonhado amor!  
Era um archanjo! Celestiaes, angelicas,  
as fórmas todas divinaes, airosas;  
mas triste sempre: como as brancas rosas,  
tingida a face de mortal pallor!

Era um archanjo, a segredar os canticos  
que os anjos trinam de celeste enleio,  
se alguem lhe ouvisse o murmurar do seio.  
essa harpa interna a conversar com Deos!  
Era um archanjo, a remirar sorrindo-se  
o prado, a relva, o perfumar d'aragem,  
perante sempre da feliz miragem  
de Deos, dos anjos, d'outra patria e céos!

Ai! era como um sacrario  
de saudade e de magia,  
descortinando-se timido  
em doce melancolia,

E como o alvor do crepusculo  
por sobre as folhas do lyrio,  
a reflectir-lhe a luz mystica  
d'essa imagem do martyrio:

naquellas faces angelicas  
não sei que pallido alvor  
lhe reflectia o martyrio  
das saudades do Senhor.

E, como os affectos intimos  
que devem haver no céo,  
quantas vezes sobre os labios  
um suspiro lhe morreu,

como perfume dulcissimo  
das flores do coração,  
a rescender-lhe nos halitos  
d'uma supplice oração?

Quanta vez o seio tremulo  
implorava á luz da lua  
o consorcio ardente e pudico  
d'alma virgem como a sua?

Que por mais triste e mais pallida  
que seja a c'róa da flor,  
não vive sem a luz vivida  
do seu sol, do seu amor!...

Ai! era como um sacrario  
de saudade e de magia,  
descortinando-se mystico  
em doce melancolia.

Dera-lhe Deos sobre a terra,  
para imagem d'essa vida,  
cada flor de margarida  
que pelos ermos nasceu;  
que, triste assim e saudosa  
das lagrimas d'alvorada,  
sentia a pobre coitada  
tambem saudades do céo!

E no céo tinha um espelho  
para a sua alma innocente  
em cada estrella fulgente  
nas puras noites de verão;  
que assim trementes e puros

como o fulgir d'uma estrella,  
sentia fulgirem nella  
os sonhos do coração!

E no mar em cada perola  
que na concha se acalenta,  
tal como n'alma sedenta  
d'affectos, a luz d'amor,  
fadara-lhe Deos um symbolo  
d'uma lagrima cabida,  
e sobre o seio escondida  
nas horas da sua dor.

E tinha por ledo cantico  
as harmonias da aragem;  
e por lucida miragem  
tinha o azul do seu olhar...  
Oh! era o celeste emblema  
de tudo o que tu já viste  
formoso, suave e triste  
no céo, na terra e no mar!...



Residia aquelle anjo d'outra vida  
alem, ao pé da nuvem prateada  
do fumo do casal;  
como saudosa flor de margarida,  
orvalhada dos prantos da alvorada,  
entre as rosas do val.

Era uma casa modesta,  
mas com poesia e belleza;  
que a todo o canto vegeta  
uma flor de violeta.

E por ditoso condão  
só lhe bastava a riqueza  
das galas do coração.

Só tinha salinha e quarto,  
o seu quarto de dormir,  
como o sacrario doirado  
onde lhe vinha sorrir  
aquelle sonho encantado  
dos seus suspiros d'amor.

Subiam as trepadeiras  
até o vão da janella



— festivas namoradeiras  
 dos segredos da donzella —.  
 E abraçando-se na hera,  
 que se enroscava ás paredes  
 em mil festões d'esmeralda,  
 teciam verde grinalda  
 que em dias de Primavera  
 se via balancear,  
 como as tranças d'uma virgem  
 que a briza solta no ar.

Havia um lago na frente  
 com sua c'rôa de prata,  
 em que dois cysnes boiavam  
 naquelle amor indolente,  
 naquelle dulcido enleio  
 que nos indica e retrata  
 boiar de virgem no seio  
 um pensamento d'amor.  
 E, ao vel-os tão descuidados  
 por sobre os flocos d'espuma  
 que das aguas sobre a flor  
 se baloiçavam trementes,  
 como as estrellas fulgentes

..

para aquella agua tão pura,  
dirieis dois namorados  
por sobre o mar da ventura.

Debruçava-se por cima  
como docel de vèrdura,  
uma ramada tecida  
por entre silvas e flores  
— para imagem d'esta vida  
feita de risos e dores —  
de ramos de limociro,  
a prenderem no loureiro  
em festões de verde côr.  
A um cantinho escondidas,  
umas poucas margaridas,  
as pobres irmãs tão q'ridas,  
as filhas do seu amor.

Mais alem um laranjal  
com a c'rôa d'esmeralda,  
com essa verde grinalda  
dos viços de Portugal.  
E depois o prado e a relva,  
com a côr do firmamento,

mais aquelle florão da nossa historia;  
 quando a aguia corria afugentada  
                   aos rochedos da França,

vergonhosa escondendo-se, e abatida  
 mal voando nas azas já quebradas;  
                   e deixando em tropheos,  
 por sempiterna gloria á nossa vida,  
 sobre o Bussaco as pennas arrancadas!...  
                   Ainda bem, meu Deus!...

Oh! não! Mal haja a palma da victoria  
 que se hastêa nos corpos revolvidos  
                   no sangue d'um irmão!  
 Maldicto seja o vento d'essa gloria  
 que leva grãos d'areia, assim erguidos,  
                   da culpã na amplidão!

Que fumo te desvaira, humanidade?  
 Que loucura de sangue te abre as vêas  
                   em delirio feroz?  
 Não basta por espaço a immensidade,  
 para os povos quebrarem as cadêas  
                   que se lançam d'algoz?...



Alem, por entre um monte de cadaveres,  
Alberto jaz, da morte a pallidez;  
revolto em lodo e sangue, inerte e livido,  
já sonhando contigo, ó Deos, talvez.

Ai! doirae-lhe da luz da vossa graça  
essa frente, Senhor, amortecida!  
Accendei-lhe no mundo a estrella escassa,  
se sabeis que destino o prende á vida!

Deixae remar ainda o pobre naufrago  
do mundo no escarcéo, deixae, Senhor!  
Quem sabe a onda que se volve tumida  
para sorvel-o um dia em seu furor?

É espuma que referve a nossa vida:  
deixae-lh'a desfazer-se mais um dia,  
e pesae-lhe depois de assim batida  
o martyrio fatal d'esta agonia.

Ai! deixae-lhe, Senhor, findar o cantico  
da patria, gloria e amor; por compaixão,  
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica  
dos seus hymnos febris do coração.

A patria, amor e gloria! Que anciedade  
a reflectir-nos nalma o Teu jardim!

A patria, amor e gloria! A immensidade,  
os paramos sem raia, o mar sem fim!

A patria, amor e gloria!—O canto biblico  
sem prephetas na terra!—A luz que ardeu,  
como as nuvens, ao acaso, soltas, ebrias,  
á luz do raio!—O mundo, o espaço e o céo!

A patria, gloria e amor!—Trindade sancta  
que redime do lodo o peccador!  
Oceano immenso — onda que levanta  
sua espuma até Vós!... Deixae, Senhor,

findar ao desgraçado o doce cantico  
dos sonhos juvenis! Por compaixão,  
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica  
dos seus hymnos febris do coração!





## CANTO V

### Orvalho Céleste



Tu já viste, leitor, no atroz martyrio  
o pobre, suspendido sobre o abysmo,  
cravar na rocha as mãos com fanatismo,  
acenando a esta vida com delirio?

Sepulchro aberto aos pés, e o céu por cima  
a reflectir-lhe nalma o brilho ethereo  
que cedo vai trocar pelo mysterio  
da ruina fatal? Se a luz o anima,

se um braço vem sostêr-lhe a vida em p'riço,  
o pobre fica preso como a hera  
que se enrosca no tronco; e a Deos prouvera  
que houvesse cada vida um tronco amigo!

Seja embora que o abysmo nos fascina,  
quando é triste o que vai parar-lhe á borda;  
que o somnamb'lo da dor sómente acorda  
no leito do sepulchro: quando a sina,

por entre os cardos mil do triste exilio,  
nos tem inda guardadas umas flores;  
quando a lyra do peito, á luz d'amores,  
nos traz em descantada um doce idyllio,

a morte é sempre — o monstro atroz, informe  
— o espectro das ruinas que se nutre  
sómente em carne e sangue — o negro abutre  
de myst'rioso horror, de corpo enorme...

Alberto, o trovador, que nós deixámos  
da morte suspendido sobre o abysmo,  
é mais um testemunho do aphorismo  
que se deduz d'aqui; senão vejamos:



Um quarto sombrio e lugubre,  
vasto, espaçoso e doirado,  
em tudo fiel traslado  
d'antigo e nobre solar,  
se mostra aos olhos... Entremos.  
É noite: aurea lamparina  
de tenue luz illumina  
pallidamente o logar.

No meio um leito elevado,  
onde um alvo cortinado  
de simples tapeçaria  
formava triste harmonia  
com o pau preto do leito;  
doirado ao pallido alvor  
de luz que mal bruxolêa,  
infiltra logo no peito  
certo gelo aterrador,  
coando-se em cada vêa.

Uma secretária em frente,  
com um lavatorio a um canto;  
em volta algumas cadeiras,  
e, como tudo, igualmente  
servindo de pregoeiras

de antiga e nobre familia,  
era sem mais a mobilia  
d'este singelo aposento.

É noite, noite suave...  
Nenhum murmurio lá fóra;  
nem o rugido do vento,  
nem a harmonia d'uma ave.  
Cá dentro, apenas ás vezes  
coam-se oppressos genidos,  
como murmurios sentidos  
d'alma presa nos revezes  
d'immensa e viva agonia.

Abriu-se de manso a porta...  
Meu Deos, milagre sublime!  
Nem sei se a mente desvaira,  
ou se algum sonho me opprime.  
Queda um anjo ao limiar!  
Julgo que é anjo; que o olhar  
doira o quarto em luz divina,  
como a celeste magia  
d'uma estrella matutina,  
rasgando as trevas do abysmo!

do pobre archanjo que roubei ao céo!  
Ah! sim, és tu... Que vem fazer, senhora,  
entre o festim das bodas? Não perdeu  
esse desejo de arrancar-me d'alma  
o pobre lyrio que a raiz yigora  
do meu amor na calma?...

A vista incerta se aclarou um pouco:  
sobre o rosto veloz transformação  
se estampara tambem; ao olhar de louco  
succedera mortal resignação.

«Por Deos, perdôa, Adelaide,  
o meu delirio de ha pouco.  
Sinto que o fogo de louco  
me requeimava infernal.  
Parece-me vir d'um sonho,  
em que senti sobre o peito  
o frio marmor do leito  
na jazida funeral.

«Por tua causa, Adelaide,  
quebro a lousa do jazigo,

para abraçar-me contigo  
no mesmo abraço de dor...  
Somos dois astros perdidos!  
Tu que a minha orbita enreda;  
eu a arrastar-te na queda  
do meu destino traidor!

«Vivamos pois d'este inferno,  
cavado aos pés um abysmo!  
Talvez eu ache o baptismo  
nesse teu pranto, infeliz.  
Grande é a pena que mereço;  
mas talvez Deos, que me sente,  
por tua cruz, innocente,  
perdôe o crime que fiz!»

---

Eis percorrido o estadio. Por despojo  
um cadaver nos fica sobre a arena.  
Cançados da batalha,

quasi nos ficam dois, em triste antojo  
de o peito resarcir da lucta infrena  
no somno da mortallia.

Um d'elles não podia, como o lyrio,  
sem sol viver; erguido na collina,  
a aragem agitada  
lhe devera arrastar como em delirio  
as petalas na encosta: qual bonina  
quebrou-se na geada!

Não quizera o Senhor que a frente d'anjo  
mais recravasse o espinho longos dias.  
Estava o calyx cheio;  
e o reprobó, sostido ao pobre archanjo,  
precisava libar mais agonias,  
quebrado o seu esteio!...

Sosinho o outro, e dentro d'alma o inferno,  
ergueu-se ainda em contricção sublime;  
e ao fogo do delirio  
abençoou em lagrimas o Eterno,  
que dava por cadinho do seu crime  
um tão atroz martyrio.

Depois quiz ir pedir ao cemiterio  
de seus já mortos paes a sepultura  
para o filho maldicto;  
para que ao menos o ultimo er'miterio  
da expiação, lhe fosse a terra pura  
do seu primeiro grito.

Mandara Deos porem libar o cumulo  
da dor ao infeliz! Se o proprio em vida  
tinha o abysmo cavado,  
era tambem mister gravar no tumulo  
inda extremo signal da mão erguida,  
que fulmina o peccado.

Arrojara-o por isso a tempestade  
sobre a praia — que até nem para vasa  
sorvel-o o mar quizera —  
para ter por escarneo da saudade  
as lagrimas da espuma, que extravasa  
como elle a sua esphera...



Ergamos uma cruz sobre esta areia;  
que jaz aqui o pobre sem um pranto!...

Por supplice oração  
que Deos accite a dor que me lancêa:  
por incenso os suspiros; e o meu canto  
por cantico d'irmão.



FIM.

# INDICE

---

	Pag.
CANTO I — O Naufragio.....	1
CANTO II — Estrellas e Flores.....	17
CANTO III — O Adeos.....	37
CANTO IV — A Batalha.....	51
CANTO V — Orvalho Celeste.....	69
CANTO VI — Sobre o Lago.....	89
CANTO VII — A Via Dolorosa.....	111
CANTO VIII — O Abysmo.....	129

---





